MEMÓRIAS DO DR. ANTÔNIO GERVÁSIO ALVES SARAIVA

Fernando Câmara

No decorrer de oito Convenções realizadas em diferentes cidades da hinterlândia cearense muito já se falou na história de nosso clã, sua genealogia e seus grandes vultos, os quais, com os seus memoráveis feitos, criaram em torno de si uma imagem de veneração e respeito que chegou aos nossos dias.

Agora, julgamos por demais oportuno trazer para o conhecimento de nossos convencionais um resumo das memórias do saudoso parente, Dr. Antônio Gervásio Alves Saraiva, abordando algo da vida dos Saraivas Leões, aspecto da decantada Fazenda Santa Tereza, nos sertões da Paraíba, onde passou a infância ao lado do avô materno, Major João Batista da Costa Coelho, o famoso Pai Joãosinho, ascendente de muitos dos parentes aqui presentes, inclusive do orador que vos fala.

O inesquecível primo, Professor João Batista Saraiva Leão (João Saraiva), considerou essas memórias como o melhor trabalho que já se escreveu sobre a nossa família, pois nos dá uma idéia da vida e costumes de nossos antepassados e uma descrição da Fazenda Santa Tereza, onde estivemos em viagem sentimental juntamente com os primos Renato Furtado, Woodrow Benício e outros familiares.

O autor destas memórias, Dr. Antônio Gervásio Alves Saraiva, era filho de Gervásio Antônio Alves Saraiva e de sua esposa, Auta Felismina Saraiva Pequeno, sendo bisneto do Tenente-Coronel de Milícias Antônio Saraiva Leão, o conhecido Papai Saraiva, tronco de nossa família em terras cearenses.

Ainda criança ficou órfão de pais, passando a viver com os avós maternos na Fazenda Santa Tereza, na Paraíba, e com muito sacrifício bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Pernambuco, tendo como um dos colegas de turma o futuro Presidente da República, Dr. Epitácio Pessoa, de quem era muito amigo.

Pretendia casar-se com a prima Maria Alexandrina, minha tia-avó, que ainda conheci na minha infância, mas este casamento não foi permitido pelos seus tios, Dr. Antônio Benício e Maria Alexandrina Bezerra Castelo Branco.

Esta recusa abateu profundamente o seu espírito, já com uma infância tão sofrida e sem carinho, obrigando-se a retirar-se do convívio da família, indo estabelecer-se no Rio de Janeiro, de onde nunca mais retornaria ao Ceará, mas fazendo chegar antes ao conhecimento dos tios que haveria de se casar com uma jovem igual ou superior à sua prima.

Não deu outra coisa.

No dia 18 de setembro de 1897, contraiu núpcias com D. Emília Rosa Furtado de Mendonça Fonseca, nada menos do que prima legítima do Presidente Hermes da Fonseca e sobrinha do Marechal Manuel Deodoro da Fonseca, Proclamador da República e depois seu primeiro Presidente.

Enquanto viveu o Dr. Antônio Gervásio Alves Saraiva jamais revelou aos filhos o romance que tivera aqui no Ceará com a prima Maria Alexandrina e só por meu intermédio eles tiveram conhecimento deste acontecimento.

Todavia, não guardava ressentimentos da Família Saraiva Leão e sua residência no Rio de Janeiro tornou-se ponto de referência dos parentes quando visitavam a antiga Capital da República.

Mantenho com os seus filhos, todos em idade octogenária, a mais cordial amizade, através de assídua correspondência e recebi de todos eles, Dr. Mário da Fonseca Saraiva, Dr. Victor da Fonseca Saraiva e Dr. Ruy da Fonseca Saraiva, os maiores agradecimentos por incluir, na programação deste Encontro de Família, o Resumo das Memórias de seu inesquecível genitor, cuja leitura procederei neste momento:

Rio, 12 de abril de 1942

"Glória in excelsis Deo"

Eu e a minha ascendência.

Notas ao correr da pena para os meus filhos.

"Cada um vale na proporção das alegrias que gozou no começo da vida e da dose de bondade que encontrou em torno de si".

No conceito psicológico deste pensamento, cujo autor ignoro, gira todo o meu destino.

Não conheci Pai. Não conheci Mãe. Pai, que me formasse o caráter. Mãe, que me formasse o coração. Eu e minhas duas irmãs fomos criados sem cuidados e sem carinhos, sorte que Deus reserva para os desgraçados orfanados. Tivemos uma tia, que muito nos amou, Felismina Auta, irmã gêmea de minha mãe, Auta Felismina, e ainda hoje rendo culto à sua bondade e ao seu coração, formado para o bem.

Criado assim, como fui, não podia deixar de ser o que fui: uma criatura desambientada, sombria, isolada, tristonha, sem amigos e sem sociedade.

Nasci a 12 de abril de 1864, há precisamente 78 anos, na casa do meu avô materno, major João Batista da Costa Coelho, na Fazenda Santa Tereza, no município de Catolé do Rocha, do qual se desmembrou o termo e hoje município do Brejo do Cruz.

E comemorando esta remota data natalícia, que hoje passa, 12 de abril de 1942, inicio estes apontamentos, escritos ao correr da pena, recorrendo à minha já enfraquecida memória.

Meu avô materno, Pai Joãosinho, como nós, netos, o tratávamos, era do Ceará, do Banabuiú, afluente do Jaguaribe, filho de um português, Saraiva Leão, da vila do Aquiraz, homem rico e minha avó, Teresa Antônia, Mãe Teté, era da serra do Baturité, também Ceará, da família Castelo Branco, cujo tronco era também Português, Antônio Pereira Castelo Branco, natural da Vila de Castelo Branco, cujo patronímico adotou.

Meu tio, Dr. Antônio Benício Saraiva Leão Castelo Branco, escreveu a genealogia das duas famílias, trabalho que meus filhos não desconhecem.

Constava da família que Pai Joãosinho nasceu a 4 de maio de 1794, no Ceará, talvez em Banabuiú, e faleceu a 17 de agosto de 1892, 98 anos, em Santa Tereza, encontrado morto na rede em que dormia.

À Santa Tereza, então Cachoeira, ali chegou em 1810, com 16 anos, terra herdada do pai. Constituiu família, casando com D. Tereza Antônia de Maria Seja Castelo Branco, sua prima, reza a tradição, e deste consórcio nasceram o Dr. Antônio Benício Saraiva Leão Castelo Branco, casado em Quixeramobim na família Bezerra de Meneses, deixando descendentes.

O Dr. Benício nasceu a 23 de agosto de 1823 em Santa Tereza e faleceu a 26 de maio de 1920, com 97 anos, em Baturité.

Tio Benício foi o filho mais velho, e Sabino, a quem todos chamavam Bibe, o mais moço. Nasceu em 1833 e morreu quase octogenário.

Casou-se na mesma ocasião que minha Mãe, com uma prima, Maria Brasileira. Deixou descendência, entre os quais Binô, pai de Clóvis.

Filhas: Clotilde, casada com o primo João Antônio Saraiva Leão, deixou descendentes, todos já falecidos.

Matilde, casada com o viúvo, Francisco de Assis Bezerra de Meneses, cunhado do tio Benício, magistrado. Acabou desembargador da Relação do Ceará. Sem descendentes.

Auta, gêmea de Felismina, casada com Gervásio Antônio Alves Pequeno, creio que em 1861 ou 1862. Com descendentes.

Francisca Clara, casada com Clementino Antônio Alves Pequeno. Sem descendentes.

Felismina, casada com o primo, José Galdino Saraiva Leão. Morreu em Quixeramobim, em 1891, com descendentes.

Todos esses casamentos foram celebrados na Capela, ao lado da casa residencial, sob a invocação de São Sebastião, pelo vigário de Catolé do Rocha, Padre Bernardino da Rocha Formiga.

Essa capela foi fundada pelos meus avós e nela foram sepultados. Santa Tereza foi primeiramente chamada Cachoeira, nome sem justificativa, pois que lá nunca existiu cachoeira de espécie alguma.

O nome de Santa Tereza foi dado pelo Padre Ibiapina, nome muito conhecido em todo o norte, em homenagem à minha avó, a Mãe Teté.

De meu avô, do Pai Joãosinho, guardo enternecida memória. Era humano, caritativo, estimado por todos. Venero a sua memória.

Da minha Mãe, guardo uma vaga memória. Era alta, morena, olhos ternos, tristonhos. Sempre de luto. Meu Pai transmitiu-lhe a doença de que veio a falecer a 25 de setembro de 1870, com 38 anos de idade.

Não foi feliz no seu casamento. Ela veio a sofrer de uma qualquer perturbação mental, desmemoriada por certo tempo, o bastante para diminuir a sua minguada felicidade conjugal.

Da cena dolorosa de sua morte, de sua agonia, guardo nítida lembrança. Era uma santa e sua morte foi chorada por todos. Eu tinha 6 anos. Não conheci meu Pai, nem podia conhecê-lo, pois quando ele faleceu a 29 de janeiro de 1866, eu tinha menos de 2 anos e Nana tinha apenas 6 meses, pois ela nasceu em julho de 1865.

Oportunamente voltarei a tratar de meu Pai.

Não conheci fazenda mais bonita no norte do que Santa Tereza.

Em frente à casa grande, caiada, o que era raríssimo na época, feita por um mestre pedreiro, que veio da praça, rasgava-se largo horizonte, pelos 4 pontos cardeais, recortados pelos alcantis de várias serras, a do Brejo do Cruz, em frente, as do Patu, São João do Vale, a Serra Negra, estas do Rio Grande do Norte, a do Prado, lados do Catolé, onde Pai João tinha uma propriedade e apareceram veios auríferos.

Em frente, um grande descampado, talvez de 2 km quadrados, cortado ao meio pelo riacho, chamado riacho dos Porcos, onde meu Avô fez o açude e nele trabalhou toda a vida. Em 1880 o açude encheu.

Foi um sucesso. Não havia outro no Nordeste. Mas todos previam que ele não resistiria ao volume das águas, cujas nascentes vinham do Catolé num curso de 8 léguas.

Era açude para ser construído por engenheiros, com materiais de segurança. A bacia hidrográfica era de primeira ordem. Cheio o açude, passou a reinar a fartura, a abundância. Muito peixe, muita vasante e na jusante muita cana, muita bananeira. E quando menos se esperava, surgiu um veio de água, na base da parede, que, aumentando a cada passo, tornou-se um boqueirão. E lá se foi o açude de Santa Tereza. E à impetuosidade das águas nada pôde resistir, tudo levando de roldão.

A quantidade de peixe morto, recolhida nos baixios, foi enorme, e os estragos causados pelas águas incalculáveis.

Lembro-me bem, que, ao lado de meu pobre Avô, que com os olhos cheios dágua, via desaparecer a obra de toda a sua vida e era o encanto da sua velhice, eu me conservei até que o leito ficou vazio, ficou inteiramente descoberto. Isto deve ter acontecido no inverno de 1881, numa tarde de não sei que mês.

Hoje pertence a herdeiros de Binô e a membros da família Maia. Santa Tereza era a fazenda central.

Em torno havia Boa Esperança, Poço da Cruz, São José e Santo Antônio, fazendas pertencentes ao meu avô.

Em Santo Antônio foi assassinado, em 1880 ou 1881, o famigerado Jesuíno Brilhante, famoso bandoleiro, para cujo trágico acabamento eu, embora indiretamente, tomei parte.

É que fomos surpreendidos por uma escolta da força policial do Rio Grande do Norte, destacada na Serra do Martins, à cata que andavam dos cangaceiros capitaneados por Jesuíno, que perambulava por aquelas bandas, sobretudo em São José, Fazenda do meu Avô, onde Jesuíno tinha um grande amigo, espécie de couteiro, um tal Chaves, sem falar num Elias Cardoso, também amigo do peito.

Guiei a tropa para a casa do meu tio Sabino (Bibe) em Poço da Cruz e aí um vaqueiro nosso amigo, João Raimundo, levou o sargento para um canto do curral e com infinita cautela, norteada através dos matos, para São José, onde Jesuíno costumava fazer ponto.

Nisto consistiu a minha intervenção no caso, mas de valiosíssima conseqüência, pois, no dia seguinte, Jesuíno com o seu grupo, sete cangaceiros, caía na emboscada que a força lhe armara por trás de umas pedras no caminho de Santo Antônio para Santa Tereza

Na tarde em que Jesuíno faleceu o grupo todo dispersou-se e passou a reinar tranqüilidade no sertão.

Pageú, cabra de Jesuíno, foi numa tarde bater na casa do Capitão Álvaro de Assis, nosso amigo, a quem disse que era plano assentado no grupo o assalto na casa de Santa Tereza, onde Jesuíno estivera uma vez para recorrer à bolsa de meu Avô, mas sem resultado.

Não o conheci. O povo fez dele um personagem lendário, como também um escritor cearense, Rodolfo Teófilo, que escreveu Os Brilhantes, romance cheio de mentiras e invencionices.

A casa de Santa Tereza tinha fama de rica, era opulenta, tinha o seu capelão, missa aos domingos, convertendo-se em verdadeiro hotel.

Franca hospedagem, bom tratamento para a terra e para a época.

Pratas, porcelanas e cristais, nenhuma outra casa possuía como a nossa. Todas as semanas matava-se uma vaca e a vizinhança era generosamente atendida. Tio Sabino trazia as novidades de Recife.

Não sei por que aquela zona foi procurada por cearenses daqueles lados do Jaguaribe. Dos nossos lados moravam os Lobos, em Dois Riachos, os Saldanhas, em Mulungu, e os Maias no Catolé do Rocha.

Meu Pai era homem valente como era o Pai, e também eram os irmãos. Indispôs-se com o Saldanha, o velho, por questão de dízimos, já doente, e se não morre, a briga acabaria tragicamente no bacamarte.

Uma escrava de meu avô, Ana Inácia, fugiu de casa e foi procurar o Saldanha, dizendo-se forra e ilegalmente reduzida à escravidão.

Saldanha amparou-a, dando-lhe mão forte e foi para a justiça.

Agravou-se a luta, luta que acabou aqui no Rio, no Supremo Tribunal de Justiça, sendo nós os vencidos.

As crias dessa negra nunca nos deixaram e por cá foram ficando.

Meu tio Sabino aqui esteve tratando dos interesses do Pai, e a Corte era a sua conversa de todos os dias. Quando regressou vinha de luto, luto de minha Mãe, que faleceu a 25 de setembro de 1870.

Essa luta dos Saldanhas com Santa Tereza ainda hoje subsiste.

Há quase 80 anos. A seca de 1877 arrasou-o, então, reduzindo-o à miséria. Meu Avô perdeu tudo, ficou pobre e a família reduzida à pobreza.

Data daí o seu aniquilamento. Em 1879 Bibe (Sabino) foi nos buscar em Baturité, na Serra, no povoado Pendência, hoje tem outro nome, onde estávamos eu e minhas irmãs, em casa de tia Matilde, viúva do Desembargador Assis Bezerra.

Santa Tereza só guarda, da minha meninice, o aspecto físico e os seus longos horizontes. A família desapareceu, a escravatura também, a tuberculose devastou tudo, as secas periódicas foram liquidando o resto; a casa, a velha casa que meu Avô construiu na metade do século passado ruiu e novos donos sucederam aos herdeiros legítimos do velho major João Batista da Costa Coelho e de sua mulher D. Thereza Antônia, Pai Joãosinho e Mãe Teté.

Assim é o mundo, assim é a vida.

Passemos agora aos Alves Pequeno.

Da origem dos Pequenos nada sei, senão que vieram de Campina Grande para a Serra Branca, município de São João do Cariri, no meado do século passado, por volta de 1850 e tantos. Mas de onde vieram para Campina Grande ignoro.

Meu Avô paterno, a quem vim a conhecer em 1880, em Serra Branca, nunca se pronunciou a respeito da sua ascendência. Parece-me, no entanto, que eles vieram de Recife.

Ele referia que na *guerra* ele tinha 18 anos, o pai foi ferido e ele teve de conduzi-lo às costas. Não disse qual a guerra, mas calculada pela sua morte em 1880 ou 1881 com 77 anos, nos parece que foi a guerra de 1824, a do Equador.

No Recife conheci duas parentas velhas em cuja casa ele hospedava-se e que o tratavam por Totonhinho, apelido que denunciava vir de menino, isto é, do tempo dele menino, aí no Recife. Mas com certeza nada sei.

Tio Sóter dizia que ele, seu pai, nada dizia também.

Em Campina Grande havia outros Pequenos, entre eles o velho Sales, cunhado dele, irmão de minha Avó paterna.

Em Pocinhos, perto de Campina, residia o Cônego Pequeno, a quem de passagem fui cumprimentá-lo.

O Padre Abel é quem nos referiu a ascendência portuguesa judaica de 3 irmãos, um ficando na Bahia, outro no Recife e outro no Ceará. Aliás sem nada provar.

Na Bahia existiu um Monsenhor Pequeno que dizia missa com um bacamarte ao lado, a quem em discurso na Câmara referiu-se o deputado Floro Bartolomeu.

Na história da Paraíba já vem figurando em 1700 e tantos um Gomes Pequeno. Talvez com melhores elementos os do Ceará saibam de sua origem.

Meu Avô tinha um irmão Joaquim José Alves Pequeno, Major Quincas, a quem conheci em Serra Branca em visita ao irmão. Era um perfeito tipo de judeu, curvado, narigudo, reforçado.

Era de índole desordeira e andou pelos sertões da Bahia acompanhado de guarda, então praticando desordens. Casou-se na família de um afamado Militão, assassino e chefe político conservador. Teve uma cocheira no Recife, casou-se em segundas núpcias, deixando descendência.

Morreu em extrema pobreza, quase cego. Era um velho pitoresco, munkausiano, contador de rodelas.

Furou esses sertões da Bahia, até Sorocaba, em São Paulo.

Era acolhedor, amável, amigo dos filhos e da família, inteiramente diferente do irmão, meu avô. Em Campina casou-se.

Também em Guarabira, na Paraíba, havia outro núcleo dos Pequenos, cuja principal figura era o major Firmino Alves Pequeno, agricultor, muito racista. Foi este major quem informou o Padre Abel sobre a vinda dos 3 irmãos portugueses israelitas, mas em outra ocasião repisando o assunto mostrou-se contraditório.

O coronel meu avô era um tipo estrangeirado, olhos azuis, sanguíneo, cabelo à escovinha, homem forte, valente.

Os filhos diante dele só se sentavam quando ele mandava e só falavam quando tinham de responder às perguntas.

Tamanha severidade matava a afeição e afastava os filhos do pai. Na mesa, só depois dele sentar-se é que os filhos sentavam-se obedecendo a ordem. E assim por diante.

O resultado foi inevitável: a luta na família, da qual escapou meu pai por que morreu antes.

Em 1860, senão antes, já em Serra Branca, foi ao interior do Ceará comprar cavalos para revendê-los na Mata, zona canavieira em Pernambuco, como na Paraíba. Eram os cavalianos. Juntavam-se diversos senhores de engenho, empregavam seu dinheiro e quando desciam traziam 200, 300 cavalos, que eram empregados nos engenhos, na moagem da cana.

O cavalo era o motor daquela época, atrelado à almanjarra e acionando as moendas.

A negrada gemia no cansaço e o bacalhau ditava a lei no engenho. Abençoada seja aquela criatura santa que redimiu essa desgraçada e martirizada raça.

Meu avô nessa viagem foi acompanhado de meu pai e arranchou-se numa casinha destinada para os comboeiros. Já se conheciam das feiras de gado em Santo Antão, os meus avós, paterno e materno.

Na 2a. viagem para a compra de cavalhada, no alto sertão do Ceará, na volta é que surgiu o casamento de meus pais.

Meu pai queria com a tia Matilde, a que casou com o magistrado Assis Bezerra, que recusou o pedido, cabendo à irmã imediata, minha Mãe, substituí-la, mas não aceitando meu Pai a troca, interveio o meu Avô resolvendo o caso.

E na forma de costume, ordenou que meu Pai se casasse com a Sra. D. Auta. E assim se fez o casamento, como se fazia naquela época, mais pela vontade e deliberação dos pais, do que pela afeição dos noivos.

Minha Mãe não foi feliz. Poucos anos depois ele morria, em 30 de janeiro de 1866, com 38 anos de idade, transmitindo à mulher o seu terrível mal, ao qual sucumbiu em 1870.

Entre as duas famílias nunca houve simpatia, nem podia haver, porque era gente de gênio diferente, de temperamento diferente e de costumes diferentes. Os Saraivas acanhados, retraídos, sem ousadia; os Pequenos, geniosos, brigões, violentos, destemidos.

Nesta atmosfera é que fomos criados; e dois males atribuíam à minha família paterna: a intriga com os Saldanhas e a tuberculose que devastou assustadoramente toda a casa, desde a sala até a cozinha.

Meu avô casou-se em Campina Grande com uma prima, Ana Angélica, e de seu consórcio nasceram: Joaquim Antônio Alves Pequeno, que casou-se com uma prima e deixou descendentes; Gervásio Antônio Alves Pequeno, casado com Auta Felismina Saraiva Pequeno, deixou descendentes; Belarmino A. A. Pequeno, casado na família Nóbrega, deixou descendentes; Gustavo Octaviano A. Pequeno, casado na família Vilar, pai do Padre Abel; Alvino A. A. Pequeno, também casado na família Vilar, sem descendentes; Clementino A. A. Pequeno (Campanha), casado na família Saraiva, sem descendentes; Sóter Caio Pequeno, casado com uma viúva, cuja família ignoro, sem descendentes; Pedro, faleceu no Recife, de bexigas.

Mulheres:

Lucinda Filadélfia, casada na família Vilar, com descendentes; Ana Maria, casada na família Paes Barreto, com descendência; Ursulina Aurília, casada com João Galdino Nabuco, com descendentes; Carlota Paulina, faleceu solteira.

A tuberculose também devastou a família Pequeno: Gervásio, Gustavo, Silvino e Carlota foram vitimados. Já a Mãe, minha Avó, tinha morrido diabética, ante-câmara da tuberculose, originando o foco na família. Meu Avô descurou a educação dos filhos.

Parece que os filhos reclamaram as suas legítimas, direito que era deles, encontrando porém oposição dele, abrindo luta com quase todos, menos com meu Pai, porque já era falecido. Dessa luta resultou a desmoralização da família.

E assim a família sem educação, empobrecida, desunida, foi-se aniquilando no conceito público. Do primeiro inventário, o de minha Avó, Ana Angélica, nada recebemos, porque meu Avô nunca nos quis dar, detentor

que era da herança que nos tinha sido partilhada. E do segundo inventário, o do meu Avô, nada também recebemos, com exceção de um açude, sem terras marginais, não em terras de Serra Branca, e mais uma posse para os lados de São José, fazenda de Pai Joãosinho, a que meu Avô Pequeno deu o nome de Branca Dias, nome histórico, que bem denuncia a sua intenção.

Este açude eu vendi a um negociante inglês no Recife, por um conto ou um conto e quinhentos e foi com esse dinheiro que vim cavar a vida aqui no Rio, aqui chegando a 30 ou 31 de outubro de 1891, a bordo do vapor inglês Tret.

A 3 de agosto, Deodoro deu o golpe de Estado e a 23 renunciava ao poder, sendo chamado Floriano, com quem troquei algumas palavras na rua do Ouvidor à noite, devendo ser, assim me parece, antes do golpe de Estado, porque depois Floriano não aparecia, conspirava.

Para a venda do açude, que tinha o nome de Tatu, minhas irmãs mandaram procuração, como para a venda da terra de Branca Dias, eu, já aqui no Rio, mandei procuração, se bem me lembro. Nessa venda, por 500$, interveio Binô, removendo dificuldades.

Não fomos nós os únicos esbulhados. O mesmo aconteceu aos Barretos, o mesmo aconteceu ao Padre Abel e irmãos, filhos do tio Gustavo.

Essa denominação de Branca Dias, afamada judia na lenda e na história, partindo do meu Avô, dá que pensar, sobretudo verifica-se que tal mulher existiu em Olinda e deixou grande descendência, autenticamente relatado no livro Primeira Visitação do Santo Ofício no Brasil, publicado por Paulo Prado.

A Branca Dias, da Paraíba, esta pertence à legenda e nunca existiu. Nada sabemos, pois, da origem dos Pequenos. Presumo que o nome da família era Alves e dado a um membro de pequena estatura, originou-se a família Alves Pequeno.

Eliminei do meu nome o Pequeno, do que muito me arrependo, pois era o nome de meu Pai, como conservaram minhas irmãs, por vários motivos, que aliás hoje tardiamente reconheço não justificam, nem justificavam o meu procedimento.

Não conheci o meu Pai, fui criado na família Saraiva, que não morria de amores pelos Pequenos, que lhe pagavam na mesma moeda, fomos esbulhados de nossas heranças paternas; nunca encontramos acolhimento amigo, nem da parte do velho, nem da parte dos filhos, meus tios.

Acrescendo a circunstância de minha estatura estar em completo antagonismo com o sobrenome Pequeno.

É possível que o ramo do Ceará, de mais importância, entrelaçado na política com os Aciolys e em Minas com os Penas, conheçam melhor a genealogia de seus ascendentes. Tenho para mim, do que ficou exposto, que a origem judaica não foi inventada, é verdadeira, subsistindo através das idades à fatalidade recalcada dos anos e do sangue, ainda que submetida

à mais desumana perseguição. Exemplo, a Inquisição, de cujo Santo Ofício escapou a bela judia Branca Dias, há uns quatrocentos anos.

E a Raça continua.

E aqui ponho fim aos Pequeno.

Saraiva

João Batista da Costa Coelho, assim assinava o meu Avô materno, quando o pai era Saraiva Leão e a família era Saraiva Leão.

Tio Benício (Dr. Antônio Benício Saraiva Leão Castelo Branco) em suas notas genealógicas, copiadas por Mário, de cópias que vieram de Quixeramobim, esclarece o interessante caso.

Meu Avô, Pai Joãosinho, em cuja casa nasci, o solar de Santa Tereza, hoje já desmoronado, ficando de pé a capela erigida a São Sebastião, tomou o nome do Avô materno, o Tenente-Coronel João Batista da Costa Coelho, português, residente em Aquirás, então vila nas proximidades de Fortaleza, onde era político influente.

Este português, era muito amigo de D. Ana do Ó, casada com o capitão-mór português José Pereira d'Eça, residente em Quixeramobim. D. Ana do Ó criou Ana Batista da Costa Coelho, filha do Tenente-Coronel João Batista da Costa Coelho, de Aquirás.

Antônio Saraiva Leão, irmão de D. Ana do Ó, seduziu a menor Ana Batista e não procurou reparar o mal pelo casamento.

O tenente-coronel, conhecedor do fato, fez dizer ao ofensor que ele casaria com a sua filha, ou o faria recrutar imediatamente para a Marinha. Saraiva Leão rendeu-se, casando.

Deste casamento proveio-lhe grande fortuna, tornando-se um dos mais ricos fazendeiros daquele tempo. Seu sogro, político influente em Aquirás, arrematava os dízimos dos gados da Capitania, que então se fazia por triênios e por preço baixo, para o genro, a quem cedia ainda os da Capitania do Piauí, terra de gado por excelência.

Rico, com muitas fazendas, com cerca de 60 escravos, Saraiva, dentro de pouco tempo era Coronel de Milícias. É ele o tal que enterrou misteriosamente os seus cabedais de prata e ouro, dentro de vasilhame de barro, como referiu o Padre Saraiva, que o conheceu menino.

Padre-Doutor (formou-se e ordenou-se em Olinda) chamava-se Antônio Elias Saraiva Leão, ou Saraiva de Brito, eu o conheci em Quixeramobim, em 1874 ou 1875, coadjutor ou vigário, creio. Era glabro.

Santa Tereza, primitiva Cachoeira, Pai Joãosinho herdou ou comprou? Não sei, nem Tio Benício lembrou-se de esclarecer este ponto. Sei que meu Avô, creio que já casado, foi morar lá muito criança, no começo do século XIX, indo morar em casinha humilde, de taipa.

Só anos depois, já constituída toda a família, é que construiu a casa grande, de tijolo, caiada, pintada, com sala de visita forrada a *estuque,* afamada pela sua opulência. Hoje nada resta.

Com a seca de 1877, a família caiu na pobreza.

Lembro que o Pai Joãosinho teve também a mania de enterrar dinheiro, pois é corrente naquelas bandas que um fazendeiro de Souza, sonhou com a botija, veio, arranchou-se na casa deserta, sem moradores, e à noite, clandestinamente, cavou e achou no lugar sonhado o cobiçado tesouro.

Eu já estava aqui no Rio, quando tal sucedeu, posteriormente à morte de Pai Joãosinho, em 17 de agosto de 1892, com 98 anos.

O deputado Suassuna, da Paraíba, assassinado aqui no Rio, disse-me que o fato era verdadeiro, citando-me o nome do Monte Cristo, de Souza. E aqui faço ponto, mesmo porque não tenho mais nada a contar.

Voltando aos Pequenos.

Deixei dito páginas atrás, que talvez os Pequenos do Crato, no Ceará, revelassem as origens dos antepassados, mas, agora vejo, que ainda sabem menos do que nós, pois remontam a um paraibano, como tronco da família no Crato.

Monsenhor Alberto Pequeno, a quem meu filho Mário foi visitar em São Paulo, na segunda festa do Congresso Eucarístico, disse a ele que o primeiro Alves Pequeno que ali chegou e constituiu família era paraibano, irradiando-se pela então Província e fora da Província, talvez no século XVII, talvez no século XVIII.

Referindo eu a Monsenhor Alberto Pequeno aqui em nossa casa que um Pequeno de Azevedo, então delegado auxiliar, me disse que Teixeira Mendes, positivista, contara a ele, que um dos Pequenos chegara do Maranhão e por lá ficara, o que o padre corrigiu, acrescentando que esse Pequeno que emigrara para o Maranhão, era do Crato ou do Icó, de onde ele Padre Alberto Teixeira Pequeno era também natural.

Um Antônio Luís Alves Pequeno, que conheci no Ceará, em 1876 ou 1877, regulava ter a idade de meu Avô e deve ter sido Avô de Antônio Luís Alves Pequeno, que faleceu agora na cidade de Crato.

Não havia relações entre os de Serra Branca e os de Crato, gente mais fina, mais educada e de melhor posição política, social e de fortuna.

Em 1882, se bem me lembro, meu Avô mandou morador dele, de nome Abílio, do Ceará, levar uma carta ao parente do Crato, propondo uma compra de gado, negócio que foi recusado, resposta que não agradou ao meu Avô, tanto assim que nele, não falou.

A informação prestada a Mário pelo digno Monsenhor Alberto Pequeno, esclareceu este ponto importante: é que para o Crato foi um Pequeno, da Paraíba e não um dos 3 irmãos portugueses e israelitas, que aportaram ao Brasil, em época imemorial.

Lembro que o deputado Floro Bartolomeu em discurso na Câmara, referiu que um Monsenhor Pequeno, nos sertões da Bahia, só celebrava missa com o bacamarte ao lado, para defender-se de seus inimigos.

(Conferência pronunciada durante a IX Convenção da Família Saraiva Leão, realizada no Cariri nos dias 7, 8 e 9 de setembro de 1984)